

# Muralha medieval de Viana da Foz do Lima

---

\* mola\_olivarum@outlook.pt

Pedro Miguel D. Brochado de Almeida\*  
João Miguel Matos Soares

**Resumo** O Hotel Aliança situava-se na confluência da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra com o Largo 5 de Outubro em Viana do Castelo e derivou da anterior unidade hoteleira Águia d'Ouro. A intervenção arqueológica realizada no seu interior pôs a descoberto um troço da muralha medieval de Viana do Castelo. Apesar de estar a nível de alicerce, ficou comprovado que as pedras da muralha eram sigladas, que o miolo era composto por pedra mais miúda unida com argamassa (barro) e que, em certos tramos, a base era escalonada.

**Abstract** The Hotel Aliança was situated at the confluence of the Avenida dos Combatentes da Grande Guerra with Largo 5 de Outubro, in Viana do Castelo, and derived from another called Águia d'Ouro. The archaeological intervention that was carried out in its interior exposed a section of the medieval wall of Viana do Castelo. In spite of being at a foundation level, it was proved that the stones of the wall were inscribed, that the crumb was full of smaller stone with clay and that, in certain sections, the base was staggered.

## 1. Introdução

O Hotel Aliança situava-se na confluência da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra com o Largo 5 de Outubro, em Viana do Castelo. Sucessor de um outro hotel, o Águia d'Ouro, o Hotel Aliança começou a sua atividade em 1907, sendo a mais antiga unidade hoteleira da cidade em 2011, data em que encerrou a sua atividade. Ocupava dois edifícios contíguos, com a remodelação mais recente a transformá-lo num único. O mais antigo, com portas e janelas de vergas salientes contracurvadas, possui um brasão com as armas reais, datado de 1756. O outro veio a sofrer uma alteração na sua fachada, quando a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra foi aberta (Fernandes, 1995, pp. 133–143; Abreu, 2009, p. 270). Basta observar na fachada as portas-janelas com sacada corrida do segundo piso e as janelas retangulares de molduras lisas para se perceber que estruturalmente eram dois edifícios distintos (Fig. 1).

Construído em 1907 e remodelado por ocasião da abertura da referida avenida, na sua composição não entra nenhum silhar da muralha. Tendo sido desmantelada apenas no final do século XVIII (Almeida & Almeida, 2009, pp. 87–96), esta muralha ostenta uma pedra gravada com a data de 1610, que foi colocada numa parede interna, mas ao contrário.

Sendo esta zona altamente sensível do ponto de vista arqueológico, e conhecendo-se bem o traçado da antiga muralha, seria natural que a adaptação do edifício a novas funções levasse à descoberta dos alicerces daquele que foi durante séculos o “muro da vila”. A muralha já tinha sido descoberta no interior de outros edifícios do Largo 5 de Outubro e no passeio da Avenida dos Combatentes, quando esta foi esventrada em 2000 para a construção do parque de estacionamento.

## 2. A intervenção arqueológica

Os trabalhos arqueológicos começaram com a abertura de valas de sondagem, as quais permitiram descobrir a muralha em toda a sua largura, mas não em extensão. Percebeu-se então que um conhecimento mais alargado da muralha e de possíveis estruturas a ela associadas só seria possível após a demolição



Fig. 1 – Edifício intervençionado.

das paredes internas do antigo hotel. Com a demolição das paredes, o espaço interno foi dividido em quadrículas de 4 x 4 m, permitindo conhecer a muralha em toda a sua extensão. Observou-se igualmente que fora desmantelada até ao alicerce e violada por canais de saneamento e de águas pluviais.

Das várias sondagens e quadrículas realizadas, escolhemos as seguintes, por serem as mais representativas: Vala 4, Quadrícula 2 a 6.

A Vala 4 corresponde à sondagem que revelou a muralha medieval. Esta ficou visível em toda



Fig. 2 – Vala de sondagem, onde já se identifica a presença da muralha.

a sua largura, bem como o miolo, argamassado com barro castanho amarelado. Revelou igualmente o alçado sul da muralha, num total de quase quatro linhas de pedra de grande porte, com um aparelho pseudo-isódomo e uma altura de 150 cm. No espaço desta vala apareceu um alicerce composto por uma só fiada pedra de pequeno porte argamassada. Trata-se de uma estrutura recente sem qualquer relação com os vestígios medievais (Fig. 2).

Apesar de a potência estratigráfica das valas chegar sensivelmente aos 80 cm de profundidade, no espaço da muralha aquela é reduzida, oscilando entre os 30 cm e os 40 cm. Esta é composta por restos de cimento, cascalho de diversos tamanhos e terras lançadas para criação de nivelamento. Não foi encontrado espólio cerâmico.

A escavação da Q.2 revelou a presença de canais de saneamento, bem como a de um lajeado que pertenceu ao edifício do Hotel Águia d'Ouro, construído na ponta final do século XVIII. Sobressaem, também, dois pequenos muros que terão funcionado como divisões interiores e que são posteriores ao lajeado, visto a primeira fiada de pedras assenta diretamente sobre ele. Por sua vez, na Q.2 encontraram-se os canais de saneamento e o lajeado que estão presentes na Q.3.

A Q.4 revelou duas estruturas pétreas: uma é o alicerce de uma parede — o M2 — e a outra, é uma canalização, de onde deriva uma outra (corresponde à detetada no alargamento da Vala 2 e que entronca na canalização da Vala 3). Foi realizado um corte paralelo à canalização, sendo detetado um piso de circulação idêntico ao que se encontra encostado à muralha. Na sequência deste registo, a Q.5 revelou resquícios do M2 e um lajeado de pedra de grande porte, o LAJ 1. Este lajeado está assente sob um outro de pedra de pequeno e médio porte, que terá funcionado tanto para assentamento, como impermeabilizante do LAJ 1. Ao seu lado, a Q.6 mostra a continuação do LAJ 1, bem como restos de duas paredes, ambas com pedra de pequeno porte, que fazem parte da divisão interna do anterior hotel Águia d'Ouro.

Relativamente à muralha, destaca-se o facto de parte ter sido desmantelada e esventrada para a construção de vários aquedutos de águas de saneamento, que acabam por caracterizar toda a área interior intervencionada. Inclusive, percebe-se que as canalizações primitivas foram sendo substituídas por outras mais recentes, nomeadamente por canais com cerzite, mais tarde substituídos por uma canalização em tubos de grés de média dimensão. Foi ainda descoberta uma fossa e a sua relação com uma das canalizações que levava as águas para o exterior e que entroncava numa outra presente na Vala 3.

O alargamento da área de escavação no espaço interno permitiu a descoberta de todo o traçado da muralha e ainda vestígios de construções posteriores que sobre ela assentaram. Foi ainda possível perceber que a muralha assenta diretamente sobre o afloramento granítico, acontecendo o mesmo com a parede leste do prédio atual (Fig. 3).

Com a descoberta de todo o alicerce da muralha ficamos a perceber que o seu traçado normal tinha 2,5 m de largura, mas que a determinado ponto alarga para cerca de 4 m. Este aumento de espessura poderá ser explicado por pertencer ao alicerce das escadas adossadas de acesso ao adarve. Esta hipótese é mais que plausível porque um corte, visível na linha interior da muralha e rente à parede norte do prédio, pode ser interpretado como o primeiro degrau de umas escadas que estariam adossadas internamente (Fig. 4).

Fig. 3 – Aspeto da face interna da muralha, após escavação em área.



Fig. 4 – Fotografia aérea após escavação em área, onde se vê o traço de muralha posto a descoberto.



### 3. Espólio arqueológico

A cerâmica recolhida não é anterior ao século XVIII, salvo um fragmento de azulejo e de uns escassos fragmentos de faiança portuguesa datada do século XVII (Figs. 5 e 6). Na sua generalidade a cerâmica cobre o espaço temporal do século XIX e deve ser entendida como coeva das construções aqui existentes antes da remodelação que deu origem ao Hotel Aliança em 1907. Em termos cronológicos, as duas notas dissonantes são o fragmento azulejo que poderá provir da construção associada ao brasão de 1756 e a pedra com a data de 1610. Esta, até pela forma como foi inserida na parede interna do antigo hotel, deve ser entendida como oriunda de uma outra construção. Em termos percentuais a cerâmica recolhida é bastante escassa. Consta de louça preta, louça vermelha com vidrado de chumbo, faiança portuguesa dos séculos XVII/XIX, louça fosca e bastante telha de meia cana.

### 4. Conclusão

As estruturas encontradas no interior do espaço que, por volta de 1789, começou por ser o Hotel Águia d'Ouro são a muralha, que cercava o casco da vila medieval de Viana da Foz do Lima, e os alicerces de construções que lhe são muito posteriores. Alguns destes alicerces são coevos da última unidade hoteleira; outros, todavia, são de uma construção anterior, já que a parede norte do hotel assenta o seu alicerce sobre o que restava de uma construção anterior. Convirá recordar que o Hotel Aliança nasceu da associação de dois edifícios: aquele que tem incorporado o brasão de meados do século XVIII e o que foi construído à sua ilharga, aberto em 1907. De recordar será também que este sofreu um recuo na sua fachada voltada à Avenida dos Combatentes da Grande de Guerra, quando esta artéria foi aberta, entre 1917 e 1920. É desta altura que data a fachada voltada a esta avenida.

A estrutura mais emblemática é, sem dúvida, o alicerce da muralha medieval de Viana do Castelo. É provável que a sua construção tenha sido iniciada no reinado de D. Afonso III, monarca que lhe concedeu o seu primeiro foral e a apelidou de Viana da Foz do Lima. Estaria concluída no reinado de D. Fernando, quando

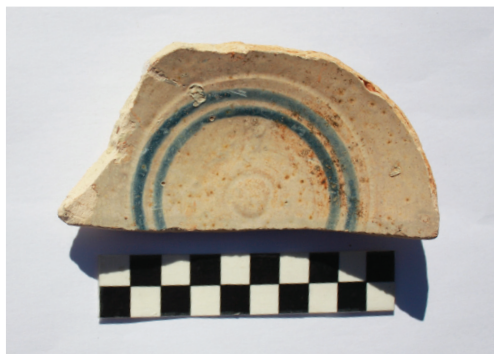


Fig. 5 – Fragmento de candelabro.



Fig. 6 – Fragmento de fundo de faiança.

a vila foi objeto de cerco e conquista por parte da hoste liderada por D. Nuno Álvares Pereira. Aliás, além da descrição que nos legou Fernão Lopes, algumas das intervenções arqueológicas que se têm realizado na Rua do Poço, Rua Grande, Rua do Tourinho, Rua de Viana e Travessa da Vitória têm permitido recolher, entre outro espólio, alguns seixos quartzíticos que foram talhados de modo a serem utilizados como “pedras de mão”, bem descritas por Fernão Lopes no cerco e ataque ao Castelo de Melgaço e utilizadas pelas tropas portuguesas. Aliás, numa intervenção arqueológica realizada no fosso exterior à muralha do Castelo de Melgaço, foi possível confrontar a informação do cronista com a descoberta de dezenas de “pedras de mão” (Almeida, 2003).

A muralha, que conserva a quase totalidade do seu alicerce, ocupa a parte central do Rés-do-chão do hotel. A sua descoberta não representou qualquer novidade, na medida em que ela já tinha sido detetada nas obras de beneficiação da Travessa da Vitória e de casas que faziam o Largo 5 de Outubro. Apesar de reduzida às primeiras fiadas, é possível perceber que em certos pontos a muralha assentou diretamente sobre um afloramento granítico e que na sua ausência, o alicerce desceu até encontrar solo firme.

É formada por fiadas retangulares de granito de muito boa qualidade e textura, dispostas em fiadas horizontais pseudo-isódomas. Seguindo as regras da boa construção de então, os silhares de maior volumetria formavam as paredes interna e externa, apresentando-se escalonada nos sítios onde era necessário aumentar a resistência da parede. O miolo é constituído por pedra de menor dimensão e arranjo técnico, que preenche os espaços vazios juntamente com argamassa de boa qualidade. Por sua vez, corte perfeito das pedras que formam as paredes interna e externa, permitem uma justaposição que dispensa qualquer artifício para que a sua solidez fosse garantida. Alguns dos silhares apresentam as típicas marcas de pedreiro ou siglas.

A análise estratigráfica das sondagens que abarcaram a parte exterior da muralha demonstra que durante alguns séculos as águas do rio Lima chegaram à base da muralha e que esta impediu que o interior fosse inundado quando o caudal aumentava. Provam-no as sucessivas camadas de lodo entremeadas por outras de areia que interagem com as fiadas exteriores. Por sua vez, uma observação atenta à espessura da muralha permite perceber que na parte mais próxima à Avenida dos Combatentes e da Rua de Viana, esta alarga interiormente. Excluída a hipótese de ali estar a torre de São João, que estará algures entre a Rua de Viana e a Rua Grande, a hipótese mais viável para este espessamento é a presença de uma escada adossada ao interior da muralha de acesso ao adarve e à dita torre situada nas imediações.

Como em muitas outras localidades onde o casco histórico estava circundado por uma cerca, ou como então se dizia pelo “muro da vila”, esta deixou de ter utilidade ao longo da Idade Moderna. Os pedidos para o seu desmantelamento começaram a chegar ao Paço Real, tendo a rainha Dona Maria I inclusivamente despachado favoravelmente muitas destas pretensões (Almeida, 2004). Quanto a este troço da muralha de Viana do Castelo não há uma data precisa para o início do seu desmantelamento, mas se tivermos em conta o brasão datado de 1756, que pertenceu ao edifício onde funcionou o primitivo Hotel Águia d’Ouro e partindo do princípio que este é coevo da sua construção, temos de admitir que a cerca deste lado do rio terá começado a ser

desmantelada no reinado de D. José, se não mesmo antes.

Esta intervenção arqueológica deixou-nos uma certeza: no espaço que foi sondado não foram encontrados sinais de ter havido construções pétreas coevas da construção e funcionamento da muralha. Não excluimos, todavia, a hipótese de ter havido construções em materiais perecíveis durante o período medieval, pois as primeiras casas de pedra da vila da Foz do Lima não são anteriores ao século XV. Por outro lado, temos de admitir que a proximidade à face interna da muralha não permitia a ocupação por casas, pela necessidade de haver um caminho de circulação adossado à parede interna da muralha para facilitar o acesso de pessoas e armas em momentos de crise militar. Esta hipótese ganha força com a ausência de materiais cerâmicos coevos do período medieval e tão pouco da Idade Moderna, apesar de os termos encontrado noutras intervenções arqueológicas realizadas em edifícios do casco histórico (Almeida & Almeida, 2009).

Neste espaço a muralha foi desmantelada praticamente até ao alicerce e há mesmo uma pequena parte onde ela não existe. A pedra terá sido reaproveitada, provavelmente para a construção dos paredões de defesa contra a subida das águas do rio, uma vez que não foi aplicada nas paredes do hotel com o brasão, nem no edifício que nasceu a seu lado. Em toda a área da escavação somente foi recolhida, fora do alinhamento da muralha, um silhar esquadriado e mesmo esse não é líquido que provenha das obras do século XVIII. A muralha que restou foi posteriormente fustigada com intromissões várias para assentamento de condutas de saneamento e de águas pluviais. As mais recentes já eram interiormente cerzitas e colocados tubos de grés.

Os diversos saneamentos estão relacionados com os edifícios que substituíram o alinhamento da muralha. Aliás, estas construções que começaram a ser erguidas ao longo do século XVIII, avançaram alguns metros para fora o alinhamento da muralha, para a antiga margem do rio, prova que este já estava confinado por paredões, porque se assim não fosse as cíclicas cheias do Lima tornariam inviável a vida aos moradores e colocavam em risco a integridade física das moradias.

A construção do Hotel Aliança levou à incorporação da casa senhorial onde esteve instalado

o Hotel Águia d'Ouro, sem, todavia, alterar a sua face voltada ao rio e ao Largo 5 de Outubro. Permaneceram as janelas sobrepostas por vergas contracurvadas que estão em clara dissonância com as da fachada voltada à Avenida dos Combatentes, que têm formato retangular.

As alterações que o edifício sofreu foram internas, mas não ao nível do pavimento térreo, um lajeado composto por grandes pedras de granito trabalhado. A colocação destas lajes permitiu a conservação do que restou da

muralha medieval sendo também uma sólida medida contra a humidade que provinha da antiga margem do rio, ciclicamente inundável. Com a construção da nova unidade hoteleira no princípio do século XX, um novo pavimento foi colocado, posteriormente remodelado, quando uma nova fachada foi construída para facear a recente Av. dos Combatentes da Grande Guerra. O último pavimento foi em cimento sobre o qual foi assente um revestimento à base pequenas placas de madeira, à data designado por *parqué*.

### **Bibliografia citada**

ABREU, Alberto Antunes (2009) – *História de Viana do Castelo*, Vol. 3:1. Viana do Castelo: Câmara Municipal.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de (2003) – *O sistema defensivo da Vila de Melgaço*. Melgaço: Câmara Municipal.

ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; ALMEIDA, Pedro Miguel D. Brochado de (2009) – *Sítios que fazem história, arqueologia do concelho de Viana do Castelo*, Vol. II, *Da Idade Média à Actualidade*. Viana do Castelo: Câmara Municipal.

ALMEIDA, Pedro Brochado de (2004) – *As cercas urbanas do rio Lima: Ponte de Lima e Viana do Castelo*. Dissertação de Mestrado na FLUP, Porto (policopiado).

FERNANDES, Mário Gonçalves (1995) – *Viana do Castelo, a consolidação de uma cidade (1855–1926)*. Lisboa: Colibri.